

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

Francisco Lucas Melo Freire¹; Camila da Silva Pereira²
José Erison Lima Pereira³

1. Graduado em Licenciatura em Geografia – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (Fafidam-Uece). E-mail: melo.freire@aluno.uece.br
2. Profa. Dra. Curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (Fafidam-Uece). E-mail: mila.pereira@uece.br
3. Professor de Geografia da Educação Básica na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Arsênio Ferreira Maia, Limoeiro do Norte - CE. E-mail: erisonlima@yahoo.com.br

Resumo

O texto analisa formação e prática docentes a partir da vivência do Estágio Supervisionado em Geografia III, desenvolvido no ano de 2022 numa escola de Ensino Médio em Limoeiro do Norte-CE, em um cenário de dois contextos relevantes: o retorno das atividades presenciais pós-pandemia do Covid-19 e as mudanças no trabalho docente em decorrência das reformas curriculares implementadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pela Lei do Novo Ensino Médio (NEM). Para embasar a discussão entre o escrito e o vivido, utilizamos autores como Pinheiro e Lopes (2021), Santos (2018; 2019), Santana Filho (2020) e Lima (2008). Em linhas gerais, o Estágio Supervisionado possibilitou refletir e vivenciar alguns desafios da formação docente que se desdobrarão no exercício da profissão e, principalmente, no contexto das reformas curriculares. São eles: redução de conteúdos e da carga horária de disciplinas das Ciências Humanas e Ciências da Natureza; criação dos itinerários formativos e disciplinas eletivas sem material didático associado e a desvalorização de algumas áreas do conhecimento. Este último aspecto impacta, diretamente, os cursos de licenciatura, considerando que a não obrigatoriedade de algumas disciplinas em todo o Ensino Médio tem ocasionado, juntamente com outros fatores, a desvalorização das licenciaturas em todo o Brasil.

Palavras-chaves: Formação docente; Estágio Supervisionado. Reformas curriculares. Ensino de Geografia.

FORMATIVE EXPERIENCES AND SUPERVISED INTERNSHIP IN GEOGRAPHY IN THE NEW HIGH SCHOOL

Abstract

This text analyzes teacher formation and practice based on the experience of the Supervised Internship in Geography III, carried out in 2022 at a high school in Limoeiro do Norte, Ceará, within the context of two relevant factors: the return to in-person activities after the Covid-19 pandemic and the changes in teaching work due to the curricular reforms implemented by the National Common Curricular Base (Base Nacional Comum Curricular - BNCC) and the Law of the New High School Education (Novo Ensino Médio - NEM). To support the discussion between theory and experience, we have used authors such as Pinheiro and Lopes (2021), Santos (2018; 2019), Santana Filho (2020), and Lima (2008). In general terms, the Supervised Internship allowed reflection and experience of some challenges in teacher education that will unfold in the exercise of the profession and, especially, in the context of curricular reforms. These challenges include: the reduction of content and workload in Humanities and Natural Sciences subjects; creation of formative pathways and elective subjects without associated teaching materials; and the devaluation of certain knowledge areas. This last aspect directly impacts teacher education programs, considering that the non-obligatory nature of some subjects in high school, along with other factors, has led to the devaluation of teaching degrees across Brazil.

Keywords: Teacher Formation. Geography Teaching. Supervised Internship. Curricular Reforms.

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO Y LA PASANTÍA SUPERVISADA DE GEOGRAFÍA EN LA NUEVA SECUNDARIA

Resumen

El texto analiza la formación y la práctica docente a partir de la experiencia de la pasantía supervisada de Geografía III, desarrollada en el año de 2022 en una escuela secundaria de Limoeiro do Norte-CE, en un escenario de dos contextos relevantes: El retorno de las actividades presenciales tras la pandemia de COVID-19 y los cambios en el trabajo docente como resultado de las reformas curriculares implementadas por la *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* y por la ley de la nueva escuela secundaria. Para apoyar la discusión entre lo escrito y lo vivido, utilizamos autores como Pinheiro y Lopes (2021), Santos (2018, 2019), Santana Filho (2020) y Lima (2008). En términos generales, la pasantía supervisada permitió reflexionar y vivir algunos desafíos de la formación docente que se desarrollarán en el ejercicio de la profesión y, principalmente, en el contexto de las reformas curriculares. Ellos son: reducción de contenidos y número de horas para asignaturas de Ciencias Humanas y Ciencias Naturales; creación de itinerarios formativos y asignaturas optativas sin material didáctico asociado y la desvalorización de algunas áreas de conocimiento. Este último aspecto tiene un impacto directo en los cursos de grado, considerando que la no obligatoriedad de algunas asignaturas a lo largo de la enseñanza de la secundaria ha llevado, junto con otros factores, a la desvalorización de los cursos de grado en todo Brasil.

Palabras-Claves: Formación docente. Enseñanza de Geografía. Pasantía Supervisada. Reformas Curriculares.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado em Geografia III foi desenvolvido no primeiro semestre de 2022, na 2ª série do Ensino Médio da E.E.M.T.I. Arsênio Ferreira Maia em Limoeiro do Norte-CE, em uma disciplina específica/eletiva denominada “Cartografia básica” do Novo Ensino Médio (NEM)¹. Vale salientar que embora a Escola já estivesse adotando as normativas do Novo Ensino Médio, à época em que o estágio foi realizado, apenas as 1ª séries estavam no modelo de ensino em tempo integral.² O presente texto buscou analisar e refletir sobre formação docente, a partir da vivência do Estágio Supervisionado em Geografia III, desenvolvido na escola supracitada, considerando o cenário em que as escolas vivenciavam dois contextos relevantes: o retorno das atividades presenciais pós-pandemia do Covid-19 e as mudanças de currículos e práticas em decorrência das reformas curriculares implementadas a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³ e da Lei do Novo Ensino Médio (NEM).

¹ Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Lei do Novo Ensino Médio). Dentre outras medidas, institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-norma-pl.html>

² Atualmente, todas as normativas do Novo Ensino Médio (NEM) já se fazem presentes em todas as séries (ensino em tempo integral, disciplinas eletivas e as trilhas). No entanto, recentemente, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 627, de 4 de abril de 2023 que suspende o Cronograma Nacional de Implementação do Novo Ensino Médio, em curso, regulamentado pela Portaria MEC nº 521, de 13 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-627-de-4-de-abril-de-2023-475187235>

³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>

A disciplina Estágio Supervisionado em Geografia III, no curso de Geografia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (Fafidam-Uece), corresponde à fase de regência no Ensino Médio e contempla carga horária de 136h, divididas em 34h de aulas teóricas, integralizando 02 créditos; e 102h de aulas práticas, correspondendo a 06 créditos, totalizando 08 créditos (PPP, 2011).

Em relação às aulas teóricas, foram realizadas discussões reflexivas sobre o estágio relacionado aos desafios da ciência geográfica diante do histórico das reformas curriculares, com foco nas mais recentes como a BNCC e o Novo Ensino Médio. Além da discussão desses novos documentos e suas consequências, refletiu-se sobre carga horária, conteúdos de Geografia, orientações sobre planejamento, metodologias de ensino e recursos didáticos, entre esses recursos destaca-se os livros didáticos do PNLD alinhados à BNCC.

Os debates nesses encontros foram baseados em Pinheiro e Lopes (2021), com o artigo “A Geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): percursos e perspectivas”. Neste trabalho, os autores propõem uma reflexão sobre o impacto que a BNCC causará na disciplina de Geografia a partir das mudanças por ela propostas. Em relação ao estudo da Geografia enquanto ciência e campo do conhecimento escolar, debateu-se o texto “O Ensino de Geografia”, de Élisée Reclus (1903). Nesta obra o autor promove um debate sobre o ponto de partida do ensino de Geografia, que seria o retorno à natureza. Segundo o autor, no estudo da natureza terrestre, precisamente, é mais apropriado primar pela visão, pela observação direta da Terra, devendo o estudante partir dessa análise do seu entorno para compreender e interpretar os fenômenos que se produzem no espaço.

Ainda nas formações teórico-reflexivas, discutiu-se Santana Filho (2020), com o artigo intitulado de “Implicações das Políticas Educacionais Recentes para os Professores e Formadores de Professores de Geografia”, que trata das políticas educacionais recentes no âmbito geral e para a Geografia brasileira. Para complementação do debate acerca da formação inicial de professores de Geografia e a prática docente, utilizamos Pessoa (2022).

À respeito das reformas curriculares e o ensino de Geografia, discutiu-se Santos (2018), com o texto “O lugar da Geografia na BNCC e na Reforma do Ensino Médio: aprofundamento de deficientes cívicos”. O autor supracitado, reflete sobre as principais características e o lugar da Geografia frente às mudanças das normativas curriculares, sobretudo, desde a década de 1990 até o atual período, enfatizando a pedagogia da exclusão incluyente, discutida por Kuenzer (2005). Findando essa temática de reformas, discutiu-se outro texto de Santos (2019) com o tema “Desordem e Regresso: a “nova” reforma do ensino médio e a deficiência”.

Outros pontos discutidos nas formações teóricas, concomitante à fase de observação e lecionação na escola, foram planejamento e avaliação, alicerçados nas reflexões de Luckesi (2005) e Vasconcelos (1956), que discorrem sobre avaliação qualitativa. Outra importante leitura foi o texto “O Planejamento da Prática Docente”, de Farias *et.al* (2008). Nele, os autores discorrem sobre o ato de planejar da atividade docente, a superação da visão de planejamento como algo tecnicista e individualizado para uma construção coletiva e dialógica. No intuito de ampliar as discussões a partir dos textos utilizados na disciplina de Estágio III, utilizamos Assis e Silva (2019) para analisar as relações entre teoria e prática inerentes ao exercício profissional que, nos estágios supervisionados, surgem como desafios e possibilidades na mobilização de saberes nessa etapa formativa dos licenciandos.

O segundo momento da disciplina foi destinado aos planejamentos e à prática docente. Por mais que a disciplina possuisse essa divisão organizacional, não houve dissociação da práxis, visto que as leituras e as reflexões, a partir delas, se fizeram em todos os momentos da disciplina. Nesse sentido, o percurso metodológico deste trabalho, que caracteriza-se como um relato de experiência em Estágio Supervisionado no Ensino Médio, dá-se a partir do levantamento bibliográfico com base nos autores anteriormente mencionados e utilizados durante a disciplina e, aliado a isso, uma descrição e reflexão com base nas experiências construídas ao longo da atuação na Escola Arsênio Ferreira Maia, em Limoeiro do Norte, CE. Essa trajetória constrói uma análise entre o escrito e o vivido, no sentido de ampliar a compreensão sobre o estágio como etapa fundamental para a construção de saberes e da identidade docente.

O texto encontra-se estruturado da seguinte maneira: no primeiro tópico estão presentes as reflexões teórico-práticas das atividades realizadas na disciplina, tais como: análise do livro didático, entrevista com docentes e gestor da escola sobre a BNCC e o Novo Ensino Médio, além de proporcionar ao leitor uma rápida incursão pelo ambiente onde se desenvolveu o estágio. No segundo tópico, consta a análise sobre as observações de sala de aula e regências, destacando os conteúdos das aulas observadas, metodologias, bem como as regências ministradas pelo estagiário. Por fim, apresenta-se as considerações finais do estagiário sobre a disciplina, a vivência do estágio na escola e seus impactos na formação docente.

REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS DO ESTÁGIO E A IMERSÃO NA ESCOLA

Ao longo da disciplina de Estágio Supervisionado III (Ensino Médio) ocorreram os encontros de formações teóricas com reflexões baseadas nos textos citados anteriormente, assim como tivemos orientações sobre as observações da prática docente na escola, além do acompanhamento do planejamento das aulas a serem executadas na escola campo de estágio e desenvolvemos alguns trabalhos, a citar: análise do livro didático da 1ª Série do Ensino Médio, na qual se desenvolveu o estágio supervisionado; e uma entrevista, sobre a BNCC e o Novo Ensino Médio, com os professores de Geografia e o núcleo gestor da escola parceira. Os resultados destes dois últimos trabalhos foram socializados com os demais estagiários, possibilitando uma ampla discussão sobre as especificidades dos materiais didáticos e sobre as considerações dos profissionais de diferentes municípios acerca das normativas da BNCC e do Novo Ensino Médio. A análise do livro didático, especificamente, foi uma importante atividade, pois possibilitou o contato com este recurso didático já adequado à construção de habilidades e competências previstas na BNCC do Ensino Médio e nas normativas da Lei nº 13.415/2017 do Novo Ensino Médio.

A coleção de livros didáticos da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, escolhida pelos professores de Geografia, História, Sociologia e Filosofia, é da Editora SM Educação, composta por 6 volumes e intitulada “Ser Protagonista”. A escolha se deu com base numa avaliação da coleção, ponderando alguns pontos, como: conteúdo, linguagem, representações gráficas e cartográficas, conformidade com a BNCC e novo Ensino Médio.

Em cada série do Ensino Médio serão trabalhados 2 volumes da coleção Ser Protagonista. Na ocasião do estágio, o livro em uso era “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: sociedade

ecultura” (Figura 1), composto por 4 unidades e 12 capítulos. Os editores chefes foram Flávio Manzatto de Sousa⁴ e Valéria Vaz⁵.

Figura 1: Livro Didático da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas trabalhado nas turmas de 1º série na E.E.M.T.I Arsênio Ferreira Maia em 2022



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Alguns pontos foram observados pelos estagiários nos livros didáticos, a partir de um instrumental de análise disponibilizado pela orientadora da disciplina de estágio, entres eles destacam-se: representatividade da Geografia; conteúdos da Geografia Humana e Física; quantidade e qualidade dos mapas de acordo com a proposta do conteúdo; qualidade e clareza dos textos e suporte ao professor. Em relação ao primeiro ponto, constata-se que quase não existe uma discussão geográfica dos assuntos, falta representatividade de elementos importantes dessa ciência, como mapas, discussão dos conceitos-chaves como lugar, espaço, paisagem.

Já no segundo ponto observado, evidenciou-se que Geografia Física foi a área que mais perdeu em conteúdos em relação à Geografia Humana visto que, anteriormente, os livros das primeiras séries do Ensino Médio eram marcados pela presença de conteúdos da área física da Geografia. Já nos novos exemplares esses conteúdos praticamente desapareceram ou estão de forma entrecruzada com a Geografia Humana, causando uma certa perda de conteúdos para essa disciplina, ao mesmo tempo que têm a intenção de desfragmentar os conteúdos como era mais evidente nos livros anteriores à BNCC. A separação de conteúdos entre Geografia Humana e Física, anteriormente melhor definidos nos livros didáticos do Ensino Médio, assemelhava-se às dicotomias da construção da Geografia enquanto ciência e cohecimento acadêmico, a partir do qual segundo Pessoa (2022) e Assis e Silva (2019) afirmam ser um desafio, pois demarca no processo formativo docente e na trajetória dos professores as dificuldades de aproximar conteúdos e conhecimentos específicos da Geografia à dimensão pedagógica. Essa dicotomia que não se sustenta puramente, pois o espaço geográfico é produto de relações sociais em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais e políticas, atravessa a trajetória da ciência geográfica, os cursos de formação de professores, os currículos acadêmicos e escolares

⁴ Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Editor de livros didáticos.

⁵ Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Bacharela em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Editora de livros didáticos.

e, portanto, faz-se necessário ampliar o debate e traçar caminhos para uma Geografia mais ampla e menos fragmentada.

Em relação à linguagem do livro, os textos não ficam claros, inexistente uma contextualização para situá-los espacial e temporalmente. Os conceitos aparecem dispersos na leitura com um escasso aprofundamento para discussão. Outra perda foi a de símbolos que são fundamentais para a Geografia, como a linguagem cartográfica, pois quase não aparecem mapas. Ao longo de todo o livro, somente duas representações cartográficas aparecem e vale destacar que elas aparecem nos exercícios propostos pelos autores. Em entrevista realizada com os docentes de Geografia e o núcleo gestor da escola, sobre BNCC e NEM, o professor atuante nas 1ª séries destaca que:

O conteúdo da geografia nos livros do novo Ensino Médio, se a gente for comparar com o livro antigo, com a matriz de referência, eles não estão batendo com o que está na matriz, alguns conteúdos foram subtraídos, conteúdos importantes da Geografia. Sinceramente é um material de péssima qualidade, sem ter um grau de compatibilidade com a matriz referencial. Com esse livro não consigo dá uma aula, ele é o mínimo do mínimo, preciso de outros recursos, inclusive faço uso do livro antigo (Relato de um dos docentes na entrevista realizada em maio de 2022).

Considerando o relato do professor pode-se afirmar que, em relação aos novos livros didáticos, houve uma descaracterização da Geografia e das demais componentes das Ciências Humanas, em geral. Essa ideia de interdisciplinaridade provocou um desentendimento nos próprios docentes em identificar o que é Geografia no livro, o que é História, Filosofia e Sociologia. Na verdade, constata-se superficialidade de conteúdos, esvaziamento dessas componentes e precarização das Ciências Humanas que, como já se sabe, não é um problema atual.

O que todos devem se questionar é qual Geografia a BNCC traz e que serviço ela presta a sociedade nos moldes atuais. Santos (2019) aponta que, diante de uma Geografia que pouco estimula o saber pensar o espaço geográfico para nele agir e intervir, resta aos jovens tornarem-se cada vez mais incluídos-excluídos frente a essa diluição da disciplina de Geografia nos atuais moldes. Incluídos no sentido da falsa crença da formação para o mercado de trabalho; e excluídos, ao mesmo tempo, pois com a redução da presença de importantes componentes curriculares nas reformas da Educação Básica em curso, como é o caso da Geografia, ocorre uma precarização do processo de construção de conhecimentos fundamentais para o exercício da cidadania ativa e reconhecadora de direitos e deveres na sociedade. Assim, a juventude pode até ser partícipe de uma sociedade e de seus processos, porém na condição de exército de reserva, em especial os filhos da classe trabalhadora, público alvo dessas reformas que redefinem muito mais os currículos na rede de ensino público em detrimento do ensino privado.

O debate que vem se construindo na academia e no chão da escola acerca da formação de jovens, de acordo com as mudanças do Novo Ensino Médio aponta que nele não há nada de novo. O retorno do ensino técnico visa preparar o estudante da escola pública para o mercado de trabalho, desviando ou dificultando seu ingresso na universidade. Santos (2018),

no VII ENALIC⁶, destaca que esse Novo Ensino Médio não é pensado para os filhos da classe abastarda, mas sim para os filhos da classe trabalhadora, pois a estes restará os cursos profissionalizantes e com pouco espaço no mercado de trabalho, somando-se à massa dos empregáveis existentes. “Dessa forma, a educação ofertada à classe trabalhadora brasileira passa a ser cada vez mais expressão do desenvolvimento desigual e combinado” (Rummert, Algebaile, Ventura, 2013 *apud* Santos, 2018, p. 4). Essa também é a visão de um dos professores entrevistados durante o estágio. Ele relata:

(...) As escolas particulares não estão adotando isso, eles estão seguindo o mesmo padrão de antes, a gente tem colegas conhecidos da gente que trabalha na educação privada que lá não tão seguindo isso que a gente tá sendo orientado a seguir aqui, isso só reforça a ideia de criar um abismo mesmo do acesso à informação entre aqueles que tem um poder aquisitivo maior ou não (relato de um dos docentes na entrevista, realizada em maio de 2022).

Considerando Santos (2018) e o relato do professor entrevistado, constata-se o aprofundamento da desigualdade entre o ensino público e privado, acirrado ainda mais com as consequências da pandemia da Covid-19 e com o ensino remoto emergencial. Ademais, evidencia a seletividade intencional sobre quem irá deter mais conhecimento e intensifica uma educação bancária⁷ de manutenção de *status quo*.

CONHECENDO A ESCOLA CAMPO DO ESTÁGIO

A E.E.M.T.I. Arsênio Ferreira Maia, localizada em Limoeiro do Norte-CE, pertence a 10ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede 10 – Russas). Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2018) da escola, ela foi inaugurada em 05/09/1965. À época contara com 8 salas de aula. Atualmente a escola atende a 608 alunos na modalidade de Ensino em Tempo Integral. Quanto à estrutura física, a escola tem 10 salas de aula, laboratórios de informática, sala de multimeios, sala de recursos multifuncionais, sala de multimídia, quadra poliesportiva e pátio coberto (Figura 2), (PPP, 2018).

Figura 2: Estrutura organizacional física da escola

Dependências	Quantidade	Utilização	
		Adequada	Inadequada
Salas de aula	10	X	
Biblioteca	01	X	
Sala de professores	01	X	
Secretaria	01	X	
Diretoria	01	X	
Laboratórios de informática	02	X	
Laboratório de Ciências	01	X	
Cantina	01		X

⁶VII Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC), ocorreu de 5 a 7 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/exibeDetalhes.jsf;jsessionid=E204E11420E796C7543C08FF7115C6CF?area=detalhesEvento&id=443&contexto=enalic>

⁷ A educação bancária é abordada por Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido* (1996) e denunciada como uma educação na qual os educandos são depósitos de informações, e que jamais busca orientar no sentido da sua conscientização ou a partir daquilo que entendem sobre o mundo. Em oposição, Paulo Freire propõe uma pedagogia libertadora, problematizadora e conscientizadora tanto para os educadores quanto para os educandos.

Pátio	01	X	
Sala de vídeo	01	X	
Sala multifuncional	01	X	
Depósitos	04	X	
Vestiários	02		X
Banheiros	04		X
Quadra esportiva	01	X	
Quadra de vôlei de areia	01		X

Fonte: PPP, 2018.

A escola é composta por 50 profissionais, considerando o corpo docente, núcleo gestor, apoio administrativo e organizacional da escola. Especificamente sobre o corpo docente de Geografia, destaca-se que é composto por três professores, sendo dois efetivos (formados pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Campus da Universidade Estadual do Ceará) e um contratado (formado pela Universidade Federal da Paraíba). Dos três apenas dois têm formação em pós-graduação, um em nível de especialização e o outro em nível de mestrado.

A Escola Arsênio Ferreira Maia oferece uma boa estrutura para o ensino, aprendizagem e lazer para os alunos, o que torna suas vagas bastante concorridas no período das matrículas. O corpo discente da escola abrange, quase que exclusivamente, a zona urbana do município, visto que um dos requisitos de seleção dos alunos é a proximidade de suas residências em relação à escola. Esse modelo de seleção dos alunos contraria o que a BNCC aponta enquanto um dos princípios da educação que é promover a igualdade no acesso e o acolhimento a todos.

A sua organização curricular segue as normativas da educação, como as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM), priorizando o desenvolvimento de competências e habilidades previstas na BNCC que servem de parâmetros para a Educação Básica e para as avaliações externas, bem como para o prosseguimento de seus estudos e os prepara para a inserção no mercado de trabalho.

As avaliações escolares, no geral, vêm sendo constantemente debatidas e reavaliadas, considerando a qualidade do ensino e a sua forma de acontecer, que deve ser contextual e contínua. Mas mesmo com essas considerações, ainda se esbarra no modelo clássico de avaliação que, segundo Luckesi (2005), está alinhado ao modelo social liberal-conservador, sempre associado a atribuição de uma nota com o papel disciplinador. Nessa perspectiva, a avaliação interna, na escola, é dividida em 3 etapas por bimestre, sendo: avaliação parcial (3,0 pontos); provão (2,0 pontos) e avaliação bimestral (5,0 pontos), totalizando a média de 10,00 pontos bimestrais (PPP, 2018).

O planejamento das atividades da escola acontece de três formas: o planejamento geral, que acontece mensalmente; o planejamento por área de conhecimento, ocorre semanalmente; e o planejamento individual de cada professor, também semanalmente, onde ele realiza suas atividades de preenchimento de diários no sistema, correção de provas e de atividades e o planejamento das aulas. Conforme aponta Farias (*et. al*, 2008) consideramos o planejamento parte fundamental da ação docente, sobretudo, diante da implantação das reformas dos últimos anos, que apontam para a interdisciplinaridade como um dos horizontes para a prática docente, estimulando o caráter participativo, articulador e mobilizador de sujeitos e processos.

Nesse sentido, considerando ser esse processo de incursão escolar por meio do estágio supervisionado uma oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica no *lócus* de atuação docente, concordamos com Assis e Silva (2019) quando afirmam que a prática docente mobiliza saberes para o exercício profissional, ao mesmo tempo que permite a reflexão sobre a prática, construindo a identidade docente a partir do entendimento de que o professor é também pesquisador de sua prática ao refletir sobre ela.

A VIVÊNCIA DO ESTÁGIO NA ESCOLA: DA OBSERVAÇÃO À PRÁTICA EM SALA DE AULA

As aulas da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia III iniciaram-se com orientações e discussões sobre o cronograma de atividades, a natureza do estágio no Ensino Médio e suas especificidades, assim como houve a escuta dos estagiários nesse momento que antecedia a incursão nas escolas, no sentido de entender as expectativas e as experiências anteriores em sala de aula. Esse momento introdutório revelou alguns dos sentimentos, anseios e desafios inerentes a essa etapa na formação inicial de professores, considerando que é no estágio, especificamente, que os licenciandos têm contato mais direto com elementos e situações que serão constantes na carreira docente. De acordo com Lima (2008 p. 204) o estágio é visto “como *lócus* de formação do professor reflexivo-pesquisador, de aprendizagens significativas da profissão, de cultura do magistério, de aproximação investigativa da realidade e do seu contexto social”.

Concomitante aos encontros semanais na disciplina de estágio e após a escolha da Escola Arsênio Ferreira Maia para a realização das atividades de estágio, iniciou-se as observações das aulas do professor preceptor na disciplina eletiva de Cartografia Básica, criada conforme o novo arranjo previsto na BNCC e no Novo Ensino Médio. O primeiro desafio dessa curta vivência da prática docente residiu, justamente, em estagiar numa disciplina nova, sem roteiro de conteúdos definido. A escolha feita pelo corpo docente das Ciências Humanas por essa disciplina específica se deu considerando as consequências e as lacunas na aprendizagem em Geografia, decorrentes dos anos de ensino remoto emergencial. Portanto, essa disciplina eletiva tem o objetivo de repor os conteúdos relacionados à cartografia que, possivelmente, não foram trabalhados com profundidade no contexto do ensino remoto.

As quatro observações das aulas do professor preceptor na escola se deram no mês de abril de 2022. Nelas, o professor buscou trabalhar as questões introdutórias da cartografia, como: surgimento dessa ciência numa relação espaço-tempo, bem como seus avanços e retrocessos. Em seguida, introduziu os princípios básicos de orientação e localização com meridianos, paralelos e noções de orientação (norte, leste, sul e oeste). Os discentes envolveram-se nessa dinâmica buscando localizar o lado do nascer do sol, determinando os pontos cardeais. Nesse ínterim, em uma das observações, se desenvolveu uma atividade com questões objetivas e uma parte prática para avaliar a aprendizagem dos conteúdos trabalhados. As questões tinham o intuito de embasar uma revisão teórica sobre os conteúdos que haviam sido estudados. Na parte prática da atividade a turma foi dividida em grupos e o professor e o estagiário fizeram, com o auxílio do Google Earth, um recorte da área do entorno da escola e disponibilizaram impresso para os grupos, sendo solicitado que os alunos localizassem inicialmente, na imagem, a escola e, em seguida, nomeassem alguns pontos reconhecidos nas proximidades dela, entre eles: parques, pontos comerciais, equipamentos de saúde, educação, entre outros.

Nessa mesma atividade prática, com auxílio de uma bússola, os estudantes perceberam a indicação do Norte, diferenciando o norte geográfico e norte magnético da Terra. Alguns mapas foram levados para a sala, como o do município de Limoeiro do Norte, sendo proposto a eles que localizassem algumas ruas e avenidas, traçassem uma rosa dos ventos e indicassem os pontos cardeais e colaterais daquele recorte espacial.

Nas observações de sala de aula constatou-se mais um desafio, o desinteresse dos discentes pela disciplina eletiva de Cartografia. Acredita-se que isso se dá pelo fato de ela ser nova no currículo da escola e, entre as poucas opções de disciplinas eletivas ofertadas, os estudantes acabam tendo que cursá-la, ainda que não haja identificação com a sua proposta. À respeito dessa questão que envolve a propaganda do Novo Ensino Médio, de que os jovens podem escolher a área de conhecimento que querem se aprofundar, mas que na prática as escolas contam com poucas condições de ofertar um leque de disciplinas eletivas, destaca-se que os 17 estudantes matriculados na disciplina de Cartografia foram nela lotados devido não restarem vagas nas demais disciplinas. Assim, os estudantes recém-chegados à escola são direcionados não só para essa disciplina, como também para outras que têm vagas abertas, não restando ao estudante a possibilidade de escolha como era proposto pelo Novo Ensino Médio.

Figura 3: Reconhecimento espacial do Entorno da escola Arsênio Ferreira Maia



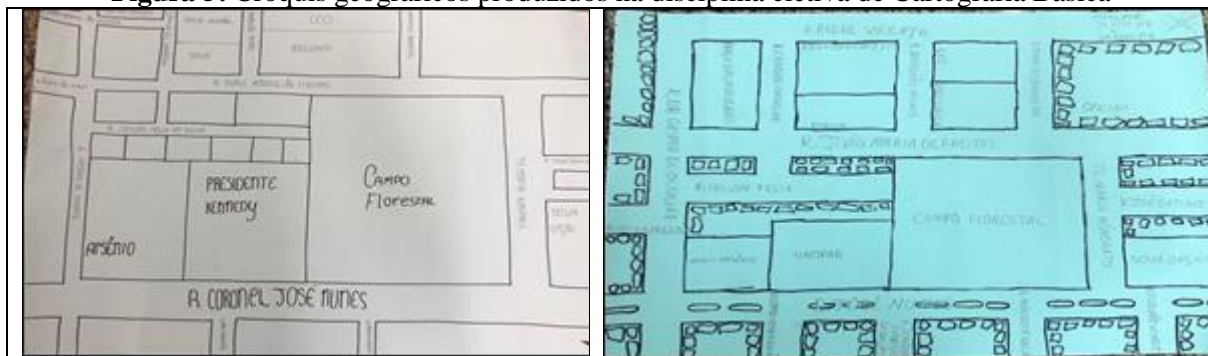
Figura 4: Elaboração do croqui cartográficos



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Nessa atividade os alunos sentiram dificuldade em apresentar o mínimo de proporção entre alguns pontos do percurso que eles julgaram importantes se fazer presente no croqui, como o campo florestal, escola, policlínica e supermercado. Outra dificuldade foi lembrar as ruas que faziam cruzamentos daqueles pontos. Dessa forma, para auxiliá-los disponibilizou-se a imagem do Google Earth que foi trabalhada anteriormente, na atividade já aqui mencionada, com o objetivo de que pudessem ter a noção da localização de pontos e identificassem algumas ruas. Como forma de socialização foi realizada a distribuição dos produtos finais entre as equipes, de modo que cada uma apresentasse os resultados entre si (Figura 5).

Figura 5: Croquis geográficos produzidos na disciplina eletiva de Cartografia Básica



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Percebendo que algumas dúvidas ainda existiam sobre conceitos básicos da cartografia, no dia 12 de maio de 2022 a aula foi planejada sobre noções básicas de cartografia. Na aula trabalhou-se alguns conteúdos como: Conceito de cartografia; surgimento da cartografia enquanto ciência; fases da cartografia ao longo da história; os primeiros sistemas de localização; formas de orientação, coordenadas, movimentos da Terra e estações do ano. Buscando o máximo possível de atenção e interação dos estudantes, buscou-se dinamizar os slides com o uso de imagens, exemplos de questões para praticar e o manuseio de mapas.

Na regência do dia 19 de maio de 2022, a temática da aula foi Fusos Horários. Novamente buscando maior participação e dinamização na aula, utilizou-se slides com imagens, questões exemplos para praticar intercalando com os conteúdos, visto que se percebeu um engajamento deles no momento prático das aulas. Alguns conteúdos foram abordados, como: conceito de fusos horários; os motivos da criação dos fusos horários e objetivos; diferenciação entre hora legal, hora oficial, horário de verão e LID-linha internacional da data, entre outros.

Na última regência, ocorrida no dia 26 de maio de 2022, o planejamento foi trabalhar mapas e projeções cartográficas. Alguns conteúdos foram propostos como: elaboração de diferentes tipos de mapas; leitura de mapas; cálculos de escala; os diferentes tipos de projeções cartográficas e suas diferenciações. Como proposto nas aulas anteriores, em que sempre se utilizou de exemplos para praticar os conteúdos, nesta última aula os conteúdos envolviam cálculos com escala cartográfica. Diante disso, ficou evidente que os estudantes não compreendiam alguns conteúdos interdisciplinares que eram necessários para a resolução de questões, como conhecimentos matemáticos, entre eles a regra de três e noções de conversão de medidas. Alguns estudantes tinham dificuldade em realizar as quatro operações básicas da matemática. Sendo assim, precisou-se sair um pouco do conteúdo pensado para ajudá-los nessas dificuldades. Isso evidencia o caráter flexível do planejamento, como um continuum permeado de interseções, como apontou Farias *et. al* (2008).

Além disso, esse cenário demonstra os desafios e lições que o estágio, enquanto etapa formativa, nos impõe e, nesse sentido, destaca-se uma lição fundamental de que é necessário o despertar do olhar pedagógico e atento às dinâmicas comuns e incomuns que se apresentam no cotidiano escolar, de modo que se possa refletir sobre o que se aprende, sobre que se ensina e quais as contradições que se apresentam e interferem nesse processo (Lima, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa última etapa das práticas supervisionadas do curso de Geografia da Fafidam-Uece constatou-se muitos desafios emergidos pela incorporação das reformas ocorridas no ensino brasileiro, em especial no Ensino Médio com o advento da Lei nº 13.415/2017. Buscar envolver os estudantes nas atividades não é impossível, mas demanda tempo para um planejamento bem pensando e intencionado, considerando as especificidades de cada turma e dos estudantes que têm, juntamente com a escola e a partir do Novo Ensino Médio, a responsabilidade de serem protagonistas e de construir suas autonomias, ao passo que os meios e condições para este fim ainda são precários nas escolas, sobretudo, no que se refere à carga horária, à valorização do trabalho docente, o tempo de planejamento, entre outros desafios.

As vivências na disciplina de estágio possibilitaram refletir sobre o futuro da Geografia e sobre exercício profissional, considerando que as mudanças curriculares impactaram na redução conteúdo e na carga horária da componente de Geografia reduzindo, conseqüentemente, o papel do professor não só dessa disciplina escolar, mas de todas que compõem a área de Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Isso gera reflexões e angústias de um futuro profissional incerto e permeado pela desvalorização docente das políticas em curso.

Além disso, as atividades desenvolvidas durante as lecionações evidenciaram os desafios do fazer docente no cotidiano da escola. Planejar e executar as aulas instigaram a reflexão sobre o público e suas demandas na escola e na disciplina; os desafios do uso e adequação dos recursos disponíveis para o processo de ensino e as finalidades da construção dos saberes para a formação dos estudantes para a cidadania.

Mas nem tudo foi e deve ser encarado pelo lado negativo, pois conforme a professora Socorro Lima (2008) nos convida a pensar o estágio não focalizando apenas nos fracassos, mas mudando o campo de visão, ele pode tornar-se um exercício de conquistas e de participação. Ciente de que não será somente essa rápida vivência de sala de aula, proporcionada por essa componente, que irá determinar a identidade docente, visto que essa é construída de modo contínuo ao longo da vida, entende-se que não é o estágio que irá aferir ao estagiário que ele será um profissional de sucesso ou não. Podemos encarar o estágio como um convite a pensar sobre formação e profissionalização docente, sobre diferentes contextos culturais da escola, da universidade e dos alunos. Para finalizar, ainda utilizando as reflexões de Lima (2008), somos sempre estagiários da vida. Estamos sempre despreparados para as perguntas e os desafios pessoais e profissionais que surge em nossa vida.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, L. F.; SILVA, M. G.; A mobilização de saberes docentes nas práticas escolares: observações dos estágios supervisionados de Geografia In: BARRETO, A. L. P.; ASSIS, L. F.; SILVA; V. M. **Educação e sociedade: espaços formativos e práticas docentes**. João Pessoa: Ed. CCTA/UFPB, 2019, v.1, p. 73-98.
- BRASIL. Lei de Nº 13.415/2017. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial** [da União], Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- DEMO, P. Avaliação qualitativa: um ensaio introdutório. **Educação e Seleção**, p. 5-16, 2013.

- FARIAS, I. M. S.; SALES, J.O.C.B.; BRAGA, M.M.S.C.; FRANÇA, M. S. L. M. Planejamento da prática docente. In: _____. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livros, 2008. p.107-137.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v.8 n. 23, p. 195-205, 2008.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo, Cortez, 2005.
- PINHEIRO, I; LOPES, C. S. A geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): percurso e perspectivas. **GeoUERJ**: Rio de Janeiro, p. 01-23, 2021.
- PESSOA, R. B.. Investigando a formação inicial de professores de Geografia e suas implicações no processo de iniciação à docência. In: ASSIS, L. F. de; ALBUQUERQUE, M. A. M de; MORAIS, N. R. **Formação de professores de Geografia na Paraíba: avanços e resistências na reforma curricular**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022
- RECLUS, É. L'Enseignement de la Géographie. Bulletin de la Société Belge d'Astronomie. Tradução: Sergio Aparecido Nabarro. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, n.11, p.05-11, 2022.
- SANTANA FILHO, M. M de; Implicações das Políticas Educacionais Recentes para os Professores e Formadores de Professores de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, São Paulo, p.153-172, 2020.
- SANTOS, J. E. dos; Desordem e regresso: a “nova” reforma do ensino médio e a deficiência cívica sem o saber pensar o espaço e sem o saber nele agir. **Revista Geografia Ensino e Pesquisa**. Santa Maria, p. 01-48, 2019.
- SANTOS, J. E. dos; O Lugar da Geografia na BNCC e na Reforma do Ensino Médio: aprofundamento de deficientes cívicos. IN: ENALIC, VII, **Anais...** Fortaleza, 2018.
- SOUZA, F. M. de; VAZ, V. (Orgs.). **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: sociedade e cultura**. SM Editora, São Paulo, 2020.
- FONSECA, L. L. da.; TONINI, I. M; A Disputa de uma Geografia Política no Livro Didático: geografias maiores e geografias menores. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas-SP, p. 541-561, 2020.
- VASCONCELLOS, C. dos S. Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo, p. 53-62, 2008.
- VITIELLO, M. A. Quem Escreve o Livro Didático de Geografia? IN: ENPEG, 14º, **Anais...** Campinas, 2020.